

## TRÊS PEQUENAS VARIAÇÕES COM JANELA PARA A FILOSOFIA - DUAS INVOCAÇÕES A SÓCRATES E UMA MEMÓRIA DE DESCARTES<sup>1</sup>

### I - Os herdeiros de Sócrates

*Sobre alguns pensamentos escondidos*

*“(...) O universo é apenas uma ideia passageira na mente de Deus - um pensamento bonito e incômodo, sobretudo se se acabou de pagar a entrada para comprar uma casa. (...)”*

*“(...)Podemos actualmente conhecer o universo? Meu Deus, já é tão difícil a gente orientar-se em Chinatown. A questão no entanto, é: há alguma coisa lá? E porquê? E porque é que fazem tanto barulho? (...)”*

Woody Allen, “*Para acabar de vez com a cultura*”

Detesto Filosofia! São horas e horas dum lado para o outro, ninguém se entende, não sabemos em que é que ficamos e ainda por cima conta para a média, a gente nem foi ouvida nem achada, “aquilo” devia era ser de “opção” e só para aqueles que querem seguir “isso”, o que quer que seja essa desgraça que nos caiu em cima a partir do 10º ano...

A relação entre professores e alunos de Filosofia é como aqueles casamentos de há muito tempo, “arranjados” à nascença para os mais diversos fins mas que não passavam, pela certa, pela paixão dos “noivos”! Condenados a coabitar num T1, mobilado à pressa (há quem lhe chame Sala de Aula), como Egas Moniz, com corda ao pescoço, lá entram arrastando a alma os actores da tragicomédia da Filosofia.

---

<sup>1</sup> Este pequeno conjunto algo desconexo de textos, na invocação que faz a Sócrates e na breve evocação de Descartes, resultam em boa parte da liberdade de espírito que aprendi com muitos dos meus Professores na então “Secção de Filosofia” da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que frequentei como aluno entre 1964 e 1969.

Dentre eles seja-me permitido destacar o Professor Álvaro dos Penedos, meu insuperável iniciador na temática de “Filosofia Antiga”, jubilado no mês de Setembro de 2004, a quem, em boa hora, este número da “Revista de Filosofia” é dedicado. A ele muito lhe devo, como aluno, admirador e amigo de longos anos, em boas e más horas. A seu modo, cada um destes textos tem referências ao imaginário pré e pós-socrático, à espantosa aventura grega do filosofar e da Filosofia que com ele iniciei e a quem muito admiro e respeito.

Estudantes na expectativa, professores que têm de “motivar” a ver se “aquilo” chega a algum sítio, uma enorme sensação de mal-estar, quantas vezes, lá no íntimo, amaldiçoando-se mutuamente, uns pensando que esta “cambada” está insuportável, outros remoendo sobre que mal teriam feito para “grammar” este «gajo/gaja!»

E, de certo modo, todos têm boas e indiscutíveis razões, pois a Filosofia continua a fazer de conta que é uma “disciplina” como as outras e arranjou com isso um belo sarilho. Pergunta-se “o que é a Filosofia” e caem em cima umas dúzias de respostas e “o cliente” que escolha como se fosse um catálogo da “La Redoute”, com a desvantagem para a Filosofia que o “comprador” deve justificar criticamente a resposta, enquanto que na outra hipótese basta passar cheque ou indicar o número do Cartão Visa.

Ora a Filosofia não é uma “disciplina”, vive entalada entre as Religiões e as Ciências, chegando ao cúmulo de andar sempre a pedir desculpa por estar a incomodar. E é que incomoda mesmo, começando desde logo, em brilhante jogada estratégica, por incomodar-se a si própria, andando de chapéu na mão ou de nariz empinado, conforme o pobre professor se sentir o mais desgraçado dos mortais ou o mais incompreendido dos Profetas.

Oito e meia, nove e meia, as horas não passam, nunca mais toca a campanha e ainda tenho de lhes dizer que o Imperativo Categórico de Kant é muito importante ou que a “dúvida hiperbólica” de Descartes era o diabo se não fosse a existência de Deus. Que vida a minha que bem precisava que o Deus de Descartes, de Abraão e Jacob me tirasse daqui e me levasse para longe, me aliviasse das resmas de fotocópias todas sublinhadas, dos esquemas de Hegel e da última circular do Ministério cheia de carimbos e assinaturas, é preciso dar parecer urgente e eu que ainda tenho de ir ao supermercado e buscar os miúdos ao infantário.

Ali à frente, a Turma, se estiver em bom dia lá vai ouvindo o sermão. tirando um apontamento ou divagando pelos antípodas enquanto não chega o Natal, ou a Páscoa ou seja lá o que fôr que acabe com isto. Se a Filosofia nas escolas tivesse as potencialidades da TvCabo, garanto-vos que já a audiência tinha mudado de canal...

A verdade é que o filosofar e a filosofia estão desajustados dos bio-ritmos efémeros dos nossos dias, da vertigem MTV, “placards”, promoções, “sites”, CNN’s que martelam os miolos dum pobre mortal até ao enjoo. Sepultados no bairro-de-lata da informação, comemos imagens e acabamos por ficar como “elas”, bonitinhos mas “planos”! Isto é, se olhar “para trás” ou “para dentro” não está nada, falta-nos fundo, terra, densidade, mistério.

A Filosofia precisa que os seus ouvintes vão antes a uma cura de águas, que fujam da CRIL dos IP’S ou das VCI’S, que desliguem o motor e que estejam quietos e calados para ver se ainda distinguem o dia da noite, se escutam o respirar do mundo e se alguma coisa ainda os espanta!

Professores e alunos de Filosofia estão metidos no caldeirão da História e os seus destinos cruzam-se, a maioria das vezes, sem sequer se tocarem a não ser, aqui e além e por razões que nada têm a ver com “programas”, pedagogias e estratégias de aprendizagem.

Ao “querer ser” uma disciplina a Filosofia só terá hipótese de sobreviver se “lá dentro” não se comportar como tal. Assuma que não tem “objecto” nem “método”, a não ser “à força” e aceite antes que é espaço duma vocação para Perguntar só porque “não sabemos”.

Perguntem até onde vão as Estrelas, de que falam as baleias, por que não cai a Lua, por que temos medo do escuro, porque nos comovemos quando uma velha árvore é sacrificada ao asfalto. E deixem que dessas perguntas nasçam outras, e mais outras e depois outras ainda!

Acreditem que, se não formos frenéticos, quero já, quero já, temos com que nos divertir para o resto da Vida.

Porto, Novembro de 2000

[Nota: este pequeno texto foi pensado para publicar numa colectânea organizada por professores do “*Grupo de Filosofia*” do Colégio de S. Gonçalo - Amarante. Mas tinha em mente estudantes que chegam à Filosofia no 10º ano e professores deste “*estranho território*”. O que aqui digo, penso-o para todos, estudantes e docentes, qualquer que seja o patamar em que a Filosofia é ensinada/aprendida. Só que, naturalmente, os desajustamentos podem tornar-se mais intensos em situações em que os estudantes “*têm de frequentar Filosofia*”, quer gostem, quer não gostem... Presume-se que, em percentagem significativa, quem vem ao encontro da Filosofia numa Universidade, escolheu o curso como 1ª opção.]

## II - A Filosofia e os novos Comércios

### *Sobre Sócrates no Shopping*

Não há estudante que não saiba, estudante de Filosofia, penso eu, que não diga num dos testes a que talvez seja submetido ao longo do martírio do Ensino, que a Filosofia é a “passagem do Mito ao Logos”...

E a coisa cai sempre bem, conta umas décimas mesmo que não se diga mais nada e o desabafo fique por aqui!

Portanto, a Filosofia é uma “passagem”, como a Vida, ou talvez uma “passerelle”, numa perspectiva mais épica, ou como o viaduto Gonçalo Cristóvão, numa leitura mais empedernida e traficada, desde que este último conceito se relacione com a magna questão do trânsito.

Sócrates, que andava sempre dum lado para o outro, gostava de dirigir os seus passos para as ruas que iam dar à “àgora” a ver se encontrava alguém para trocar impressões, saber as notícias e, em dia de sorte, abrir um debate com quem lhe desse conversa sobre tema apetitoso, fosse ele a Verdade, a Justiça, a Alma e coisas deste calibre. Platão conta-nos à saciedade essas histórias com mais de 2.000 anos e não posso deixar de pensar, no caso de ser verdadeira a teoria da transmigração das almas, o que seria de Sócrates nos dias de Hoje, onde a “Agora” é substituída pela Praça da Alimentação dos inelutáveis “shoppings” que invadiram as nossas cidades a partir dos meados da década de oitenta do século XX.

Portanto, o filósofo estaria na fila do KFC enquanto Xantipa foi aos Saldos. Ele, de tabuleiro na mão, enquanto Timeu ou Protágoras devoram uma sande mista ou espreitam as promoções do qualquer Rei dos Hamburgers. Não é que tenham fome, mas procuram o pretexto de encontrar uma mesa onde os cidadãos actuais, os cidadãos, confluem com ritmo mais certo que os equinócios e solstícios.

Se conseguir arranjar lugar, não escorregar nos restos duma Pepsi e resistir aos encontrões, talvez consiga uma mesa onde um grupo mais ou menos animado devora, no meio de guardanapos e papéis, uma amostra de jantar onde estão batatas fritas, uns pães, umas leguminosas parentes de alface cobertas duma caliça branca a que

pomposamente se chama o “tempero”, o “molho” ou coisa que o valha. Sócrates olha e tenta meter conversa, mas não adianta. O olhar do interlocutor está fixado num “longe”, num Boavista-Rio Ave da TvSport dividido em 240 televisores, imagem gigantesca que flutua no burburinho das escadas rolantes que continuam a vomitar bandos de cidadãos não à procura do Ser, mas de bilhetes para a sessão das 22 dos Filmes Lusomundo. Onde está Protágoras? E Teeteto? E Timeu? Se combinamos encontro porque não aparecem para jantar, dizer dos Homens, das verdades relativas, do Mundo das Ideias. Porque só noticiam nos canais de Notícias e na TSF que Alcibiades foi atropelado e Fédon não arranja lugar para estacionar.

Sócrates começa a ser olhado com desconfiança pelos “seguranças”, essas novas figuras de esqueléticos desempregados, não propriamente com a envergadura física e o mau feitio dum hoplita espartano, daqueles que nas Termópilas travaram a ganância Persa.

O resultado final é parecido:

– Câmbio! “*Ctpo*” chama “*Terminator*”! No corredor do hiper-mercado, um suspeito fala aos passantes sobre o que acham sobre a Alma e o Governo. Não estão autorizados inquéritos desse tipo! Só sobre a variedade das marcas de Shampô, conforme Circular 987/2004.

– Entendido! Câmbio. Já vamos em direcção ao suspeito...

Minutos depois, o assunto está resolvido, não se pode incomodar os clientes, Sócrates retira-se da Praça (da alimentação...?), passa pelos quiosques, vê enfasiado as Revistas de “coração”, Xantipa não chega, está na fila a pagar com Multibanco. Que saudades sente agora dos mercadores dos rumores do Pireu,

Onde está o oricalco da Atlântida? As mobílias, os ouros da Trácia, os perfumes, os tecidos coloridos, os queijos frescos, as ânforas com azeitonas que vieram de oliveiras junto às Ciclades?!!! Porque razão ninguém quer falar, pensa uma e outra vez. Porque correm todos, sempre a olhar para um estranho instrumento que trazem no pulso e que parece ter sobre eles o efeito duma visão de Polifemo?!!!

Porque fazem tanto barulho? Se não falam, porque não se calam?...

Como no Mito de Orfeu, Sócrates decide-se a olhar para trás, não para ver se Euridice o segue, mas na absoluta consciência de que Hades, o imprevisível Deus dos Infernos, o fará regressar às brumas infindas donde nunca devia ter saído, para observar outras Polis diferentes daquela que nunca abandonou, num copo de cicuta, rodeado de amigos, há 2400 anos.

Porto, Abril de 2004

### III - A Filosofia e os céus

#### *Algumas meditações e um pouco de Descartes*

“Nan-in, um mestre japonês da era Meidji (...) recebeu um professor universitário que viera informar-se sobre o Zen. Nan-in serviu chá. Encheu a taça do seu visitante e, depois, continuou a deitar.

O professor observou aquele transbordar até que não pôde conter-se por mais tempo:

– Está a deitar por fora. Não cabe mais nada!

– Tal como esta taça, – disse Nan-in, – estás cheio das tuas próprias opiniões e conjecturas. Como poderei revelar-te o Zen, se antes não esvaziáres a tua taça?”

Nyogen Senzaki e Paul Reps, “101 Histórias Zen”.

No limiar do inútil, olhada de lado, a Filosofia é uma *arte* difícil num tempo marcado pela *pressa*, pela economia da comunicação, *vamos ao que interessa*, deixemo-nos de conversas moles que não adiantam nem atrasam!

Só por engano a Filosofia é *paixão*, actividade que emagrece, tira o sono, não deixa fazer mais nada. Pelo contrário, é uma longa paciência, regressar aos locais de sempre, procurando aquilo que se não vê quando corremos o mundo com horas marcadas, fotografar à pressa, depois por entre balbúrdias mil, mostrar as “imagens” da viagem a parentes e colaterais.

Na correria dos “programas”, professores e alunos visitam 2500 anos de História, entrando e saindo dos velhos gregos, desarvorando em direcção à época Moderna, acumulando teorias, argumentos, demonstrações, Gnosiologias, Lógicas, Metafísicas, Ontologias, Éticas, tudo terminando em “pontos”, classificações, apelos lancinantes à criatividade e “espírito crítico”.

O filosofar é, sobretudo, um *elogio da lentidão*, arte da espera, um quase impossível reencontro com perguntas infantis que estão no origem deste estranho ser, aparecido há 100.000 anos sobre a Terra, que por convenção chamamos de “Homo Sapiens”. Dotado dum cérebro gigantesco, colonizou todos os continentes, viveu das dádivas da caça e pesca, inventou a agricultura, criou cidades, atravessou mares, desenhou mapas, chegou à Lua e ao coração da matéria.

No grande oceano do desconhecido ergue-se uma imensa barreira de coral, feita do trabalho acumulado por mil gerações de humanos e nós, os *agora-aqui*, nascemos dentro dessa imensa laguna por toda a parte povoada por sons, luzes, bibliotecas, ciências, escolas, especialistas. É fácil esquecermos que tudo isto ocorre dentro da “barreira de coral”, do aquário climatizado que, um pouco temerariamente, convençionamos chamar “Mundo”.

Mas a Filosofia deve ser também um caminho que nos mostre que há “outro lado” para além dos limites do horizonte, e que esse local é feito da exacta matéria da nossa ignorância. Olhar para lá, é ser capaz de subir a montanha dos livros, e espreitar uma paisagem de que mal vemos os contornos, pois a luz que emitimos é insuficiente para iluminar a enorme noite que está “lá fora”, irmã gémea do grande silêncio sobre o qual ecoam as milhares de vozes.

Talvez por isso, o *problema do Mundo* e da sua origem tenha sido uma das obsessões permanentes dos primeiros filósofos, no momento em que tentaram compreender para além dos grandes Mitos e Religiões que sempre apaziguaram os nossos medos. A invenção da “Razão”, se nos permitiu avançar no sentido do conhecimento, abriu a porta à dúvida, à incerteza, à paz consoladora mas fictícia de todos os deuses benévolos ou cruéis. Com a Filosofia *ficamos só nós*, nós e os outros como nós, conversando, experimentando, procurando, se existir, o verdadeiro “princípio de todas as coisas”. E, talvez com alguma arrogância, imaginando que tal “princípio”, se existir, há-de ser conforme aos poderes do pensamento.

A Filosofia parte dessa palpite e, pacientemente, olha de novo o Mundo como se fosse a primeira vez. O grande problema era inventar a “engrenagem” que fazia mover planetas e estrelas, gerava eclipses, iluminava os céus com brancas caudas de cometas. Qual a origem e o porquê de tantas coisas, que “causa” ou “quem” os colocou ali, imagens de eternidade silenciosa que viram desabar Impérios, ergueram zigurates e fizeram cair o pobre Tales no poço do filosofar?!

Passando as hesitações da Escola de Mileto, logo na alvorada da Filosofia, é a estranha comunidade pitagórica que marcará o caminho duma hipotética resposta. Olhando para a gigantesca imensidão cósmica, aposta-se na harmonia dos Números, na ideia duma simplicidade que fará mover astros esféricos numa singular melodia, só acessível àqueles que tiverem a paciência de encontrar *aquilo que permanece* para além das coisas que passam.

Está lançado um “princípio” que agrada à Razão humana e será o fundamento de toda a Ciência. A realidade colorida e diferenciada do Mundo só será compreensível se ultrapassarmos o vendaval dos sentidos e nos aproximarmos da arquitectura escondida e eterna duma “mente cósmica” que se reduz à beleza das equações, ao bailado celestial duma geometria que nos assegura que tudo “isso” tem uma lógica.

Duma forma ou doutra, é esse o caminho da Filosofia e da Ciência quando pensam o Universo, desde o heliocentrismo genial de Aristarco de Samos ao trabalho esforçado do Demiurgo no Timeu de Platão, passando pelos cálculos de Eudoxo de Cnido, os catálogos de Hiparco e o paciente “puzzle” de Claudio Ptolomeu.

Com a chegada do Cristianismo ao Ocidente, a meditação cosmológica cai numa espécie de limbo de esquecimento, não porque o problema do Universo deixe de ter interesse, mas porque uma grande Religião responde aos “porquês” e “comos” através da palavra de Deus inscrita na voz dos profetas. É preciso esperar 1.500 anos para a Europa consentir debater a questão do Universo, com um entusiasmo temperado de medos-mil. A época moderna não encontrará a Filosofia na primeira linha das perguntas e respostas. A literatura, a poesia, a aventura das naus e caravelas vão manifestamente à frente e são, de facto, os verdadeiros herdeiros da curiosidade nascida um dia nas colónias da Jónia.

Não esqueçamos o primeiro filósofo que, por convenção, inaugura a modernidade. Prudente e discreto, Descartes vive na 1ª metade do século XVII, bem depois de Índias e Américas terem revelado outros céus e outras constelações do lado de lá da Terra. Farto das incertezas, teorias e hesitações das “interpretações” que tanto dizem uma coisa como o contrário dela, decide construir um método e uma Filosofia que tenha o encanto e precisão das evidências matemáticas e geométricas. Só o *racionalmente evidente* é aceitável e, deste modo, há-de ser um “pensamento rigoroso”, aberta ao progresso, distante das disputas e controvérsias que a desprestigiavam face à eficiência das Ciências.

Portanto, trata-se de tudo esquecer, de regressar ao *grau zero*, nada mais restando à partida que duas evidências: existe o Pensamento (*res cogitans*), a Matéria-Mundo (*res extensa*) e, claro, um Deus geómetra e bondoso que garante não estarmos a sonhar ou a ser ludibriados por um génio maligno! Admirador de Galileu, anti-aristotélico prudente, católico convicto, preferindo habitar as ruas fervilhantes e anónimas da Holanda protestante, Descartes garante-nos que há uma equação indesmentível. *O Mundo é Extensão e a Extensão é o Mundo*. Tudo o resto é duvidoso e só nos afasta do essencial.

Neste Universo, tirando a alma humana, tudo é material. Como a Matéria é Extensão, quer dizer, confunde-se com o Espaço, eis um território ideal para matemáticos e geómetras, onde sempre prevalece a lei da quantidade e do cálculo.

*Pensar o Universo é pensar o Espaço, pensar o Espaço é pensar a Matéria*. Estranha conclusão dum filósofo aparentemente virado para o Espírito, mas que abre caminho ao mais radical dos materialismos, onde tudo são máquinas, autómatos, alavancas, por toda a parte fluxos, esquemas, cálculo, geometria.

O Universo é, para Descartes, uma gigantesca “máquina material”, acessível à Razão humana, apesar das limitações dos sentidos. Planetas, sóis, cometas circulam nos céus obedecendo a equações e só há matéria “mais grossa” e matéria “mais fina e subtil”. Os movimentos dos astros não obedecem a forças misteriosas, mas resultam de “turbilhões”, vórtices, redemoinhos, imenso jogo de mecânica totalmente demonstrável e compreensível.

Apesar de Descartes ter morrido pouco antes de Newton, em 1687, ter proposto o princípio da gravitação, a ideia duma força atractiva universal, nunca os cartesianos concordariam com tal “princípio”, que parecia mais próximo da magia medieval-renascentista que da racionalidade moderna.

Nos séculos XVIII e XIX a Física e Cosmologia cartesianas são consideradas erros crassos, delírio racionalista sem fundamento ou utilidade, cedo esquecido no armazém das curiosidades e velharias. Mas não deixa de ser surpreendente que, a seu modo, o século XX re-utilize o perfil de Descartes através do pensamento de Einstein, que na Teoria da Relatividade acaba por nos dizer que o segredo do Universo reside na Geometria, que a “matéria” é redutível ao “Espaço-Tempo” e que a substância do universo é o “*contínuo espaço-tempo de 4 dimensões*” de curvatura continuamente variável.

Como até hoje não se encontrou melhor modelo, parece estarmos condenados a viver num Mundo inacessível aos nossos sentidos, que não podemos desenhar, nem pintar, nem intuir. Só longas equações o descrevem, tal como o tinham previsto, por pura aposta mental, os pitagóricos. É um Universo *aristocrático*, inacessível às maiorias, aos homens e mulheres que nascem, morrem, lutam, riem ou sofrem. Não porque o segredo esteja fechado a sete-chaves, mas porque para o *entender* é necessário dedicar uma vida inteira a preparar a contemplação da harmonia e elegância dessas equações.

Há momentos em que penso que nada disto é justo, pois o importante escapa-nos sempre, a quase todos. E quase sinto saudades dos “dias do princípio” em que a Terra era um disco plano terminando no horizonte a que nunca chegamos e, docemente, flutuava sobre as águas.

*Levi António Malho*